Saúde LGBTQIA+: panorama nacional da pesquisa científica brasileira odontológica

LGBTQIA+ health: national overview of Brazilian dental scientific research

***William Harvey Machado de Sousa Lacerda Oliveira*[1]**
***Iarla Layanne Gomes Domingos*[2]**
***Carolina de Medeiros Tavares*[3]**
***Abrahão Alves de Oliveira Filho*[4]**
***Maria Angélica Sátyro Gomes Alves*[5]**
***Elizandra Silva da Penha*[6]**

RESUMO: O objetivo dessa pesquisa foi investigar a produção científica sobre saúde LGBTQIA+ através do exame do perfil dos trabalhos publicados nas doze últimas (2010 – 2022) reuniões anuais da Sociedade Brasileira de Pesquisa Odontológica (SBPqO). Ela consistiu em uma pesquisa transversal de abordagem quantitativa onde, através de observação indireta, foi feita uma seleção de trabalhos publicados nos anais das últimas 12 reuniões anuais da Sociedade Brasileira de Pesquisa Odontológica (SBPqO) que contivessem o fragmento "sexu" ou os termos "LGBT", "LGBTQIA+", "minorias sexuais", "identidade de gênero", "gay", "lésbica", "homossexual", "bissexual", "transgênero", "transexual" e "travesti". De um universo de 33.141 trabalhos apresentados, englobando todas as modalidades de apresentação, 205 resumos se enquadraram no critério de inclusão. Desses, 7 superaram o critério de exclusão. O baixo número de trabalhos sobre o tema indica uma fragilidade no perfil das pesquisas sobre saúde LGBTQIA+ na Odontologia brasileira decorrente possivelmente da falta de políticas públicas que estimulem, além da produção científica, a naturalização da temática nos ambientes acadêmicos.

Palavras-chave: Minorias sexuais e de gênero; Pesquisa odontológica; Saúde pública.

ABSTRACT: The aim of this research was to investigate the scientific production on LGBTQIA+ health through the examination of the profile of the works published in the last twelve (2010 - 2022) annual meetings of the Brazilian Society of Dental Research (SBPqO). It consisted of a cross-sectional research of quantitative approach where, through indirect observation, it was made a selection of papers published in the proceedings of the last twelve annual meetings of the Brazilian Society of Dental Research (SBPqO) containing the fragment "sexu" or the terms "LGBT", "LGBTQIA+", "sexual minorities", "gender identity", "gay", "lesbian", "homosexual", "bisexual", "transgender", "transsexual" and "transvestite". From a universe of 33,141 papers presented, encompassing all presentation modalities, 205 abstracts fit the inclusion criterion. Of these, seven exceeded the exclusion criterion.The low number of studies on the subject indicates a fragility in the profile of research on LGBTQIA+ health in Brazilian Dentistry possibly due to the lack of public policies that stimulate, beyond scientific production, the naturalization of the theme in academic environments.

Keywords: Sexual and gender minorities; Dental research; Public health.

* Graduando em Odontologia, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Patos, PB, Brasil – williammachado369@gmail.com

** Graduanda em Odontologia, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Patos, PB, Brasil – iarlalgd@gmail.com

*** Graduanda em Odontologia, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Patos, PB, Brasil – carolinamdrst@gmail.com

**** Doutor em Farmacologia, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Patos, PB, Brasil - abrahao.alves@professor.ufcg.edu.br

***** Doutora em Farmacologia, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Patos, PB, Brasil - angelicasatyro@hotmail.com

****** Doutora em Ciências da Saúde, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Patos, PB, Brasil – elizandrapenha@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O Brasil lidera a lista de países que mais assassinam minorias sexuais no mundo há mais de 10 anos, sendo responsável por mais da metade das mortes violentas desse grupo e ficando à frente dos 13 países do Oriente e África onde ser lésbica, gay, bissexual, transexual, travesti, queer, intersexo, assexual, etc (LGBTQIA+) é passível de pena de morte (GASTALDI *et al*., 2022). Especificamente em relação a pessoas transexuais e travestis, o país também lidera a lista de homicídios há mais de uma década, tendo assegurado em 2021 pelo menos 140 assassinatos, números acima da média anual (BENEVIDES, 2022).

No que diz respeito a políticas públicas visando o bem-estar da população LGBTQIA+, o Brasil iniciou tardiamente, sendo lançado apenas em 2004 o Programa "Brasil Sem Homofobia" com o objetivo de promover cidadania e direitos humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, contribuindo na luta por direitos básicos e dignidade (BRASIL, 2004). Mais tarde, publicada em 2011, a Política Nacional de Saúde Integral LGBT visou atender as demandas específicas com ênfase na equidade de saúde dessa população em situação de vulnerabilidade (BRASIL, 2013; FERREIRA *et al*., 2017)

Paralelamente, no triênio 2016-2018, um estudo publicado pelo Centro de Pesquisa em Ciência, Tecnologia e Sociedade do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) relatou que pesquisadores brasileiros foram responsáveis por 2,6% da produção científica catalogada na base de dados Scopus, o que corresponde a cerca de 240 mil publicações. As publicações na área de "Odontologia" superam a média percentual em quase 5 vezes, perfazendo 12,4% da produção mundial (IPEA, 2020). Gomes *et al.* já anunciavam essa relevância ao colocarem que o Brasil representa 7% de toda a produção científica nos últimos anos, alcançando assim um lugar de destaque no cenário internacional (GOMES *et al.*, 2017).

Diante desses números, embora recente, a produção acerca da saúde de pessoas LGBTQIA+, para além da extensa abordagem sobre a epidemia HIV/AIDS, tematizando saúde mental, senescência, acesso aos serviços de saúde, violência, discriminação, etc. começa a integrar a literatura nacional e traz importantes contribuições à temática (ABADE; CHAVES; SILVA, 2020). Sabendo ainda que grande parte dessa produção científica é voltada para

demandas sociais e de saúde urgente que encurtam a vida dessa população, questões que envolvem saúde oral não costumam figurar trabalhos científicos desse assunto (BEZERRA *et al*., 2019).

Segundo Schenal, a produção científica odontológica brasileira com foco na temática LGBTQIA+ é recente e insuficiente, surpreendendo o fato de que em periódicos como a Revista da ABENO – importante para o ensino odontológico nacional – não conste nenhuma publicação acerca do tema ilustre em acervo de 18 volumes (SCHENAL, 2018).

Diante disso, o objetivo dessa pesquisa foi investigar a produção científica sobre saúde LGBTQIA+ através do exame do perfil dos trabalhos publicados nas doze últimas (2010 – 2022) reuniões anuais da Sociedade Brasileira de Pesquisa Odontológica (SBPqO), cujas pesquisas servem de referência para o retrato da pesquisa odontológica no país.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo se trata de uma pesquisa transversal de abordagem quantitativa. Pelo não envolvimento de seres humanos e pelo material ser considerado de acesso público (dados secundários), foi dispensada sua apreciação pelo comitê de ética.

A metodologia utilizada foi adaptada do estudo de Lúcio *et al* (2012). Através de observação indireta, foi feita uma seleção de trabalhos publicados nos anais das últimas 12 reuniões anuais da Sociedade Brasileira de Pesquisa Odontológica (SBPqO) (2010 – 2022), sendo excluído o ano de 2012 devido ter ocorrido em conjunto com a reunião da International Association for Dental Research (IADR). Os anais foram acessados por consulta online na página do evento e, após selecionado o ano da reunião, foi realizada uma busca dos resumos presentes no site que contivessem o fragmento “sexu” ou os termos “LGBT”, “LGBTQIA+”, “minorias sexuais”, “identidade de gênero”, “gay”, “lésbica”, “homossexual”, “bissexual”, “transgênero”, “transexual” e “travesti” (LÚCIO *et al*., 2012).

O universo foi constituído de 33.141 resumos. O critério de inclusão selecionou trabalhos que contivessem algum dos termos utilizados na busca e o critério de exclusão filtrou

os trabalhos que mencionavam o fragmento e os termos fora do contexto de saúde da população LGBTQIA+, sem apresentar essa população como tema principal e com outros significados.

Os resumos foram selecionados e armazenados em um formulário específico que continha as seguintes categorias de classificação: ano da reunião, estado de realização da pesquisa, posição do investigador, referência temporal e natureza geral da pesquisa. A depender da participação passiva ou ativa do pesquisador, os trabalhos foram classificados como "estudo observacional" ou "estudo de intervenção", respectivamente. Em relação à referência temporal, os resumos foram designados como "transversal" ou "longitudinal". Já quanto à natureza geral da pesquisa, os estudos foram classificados como revisão, estudo descritivo, estudo clínico (LÚCIO *et al*., 2012).

O software utilizado para disposição e análise dos dados foi o Microsoft Excel 2016® e a apresentação dos mesmos foi feita por meio de infográficos estatísticos (frequências absoluta e percentual).

RESULTADOS

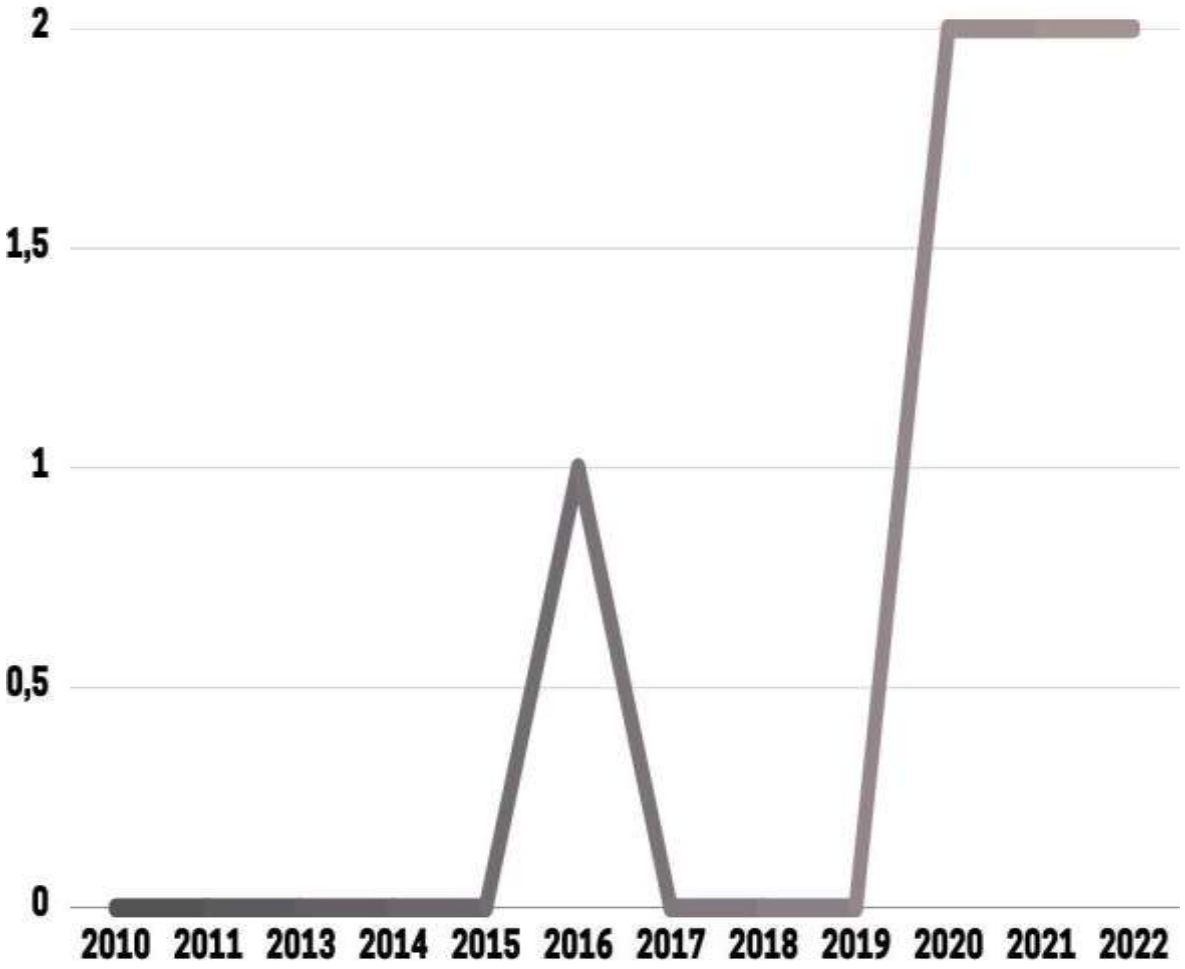
De um universo de 33.141 trabalhos apresentados, englobando todas as modalidades de apresentação, 205 resumos se enquadraram no critério de inclusão. Desses, 7 superaram o critério de exclusão. Na tabela 1, pode-se observar os títulos de cada resumo e o ano que foram publicados nos Anais.

Tabela 1 - Títulos dos resumos incluídos e ano de publicação.

Títulos dos resumos	Ano de publicação
Lesões em cabeça e face em homossexuais vítimas de homicídio	2016
Saúde Bucal e singularidades: estratégias para o cuidado sem preconceito	2020
Cirurgia de Feminização facial em pacientes com disforia de gênero: protocolo de scooping review	2020
Possíveis impactos na saúde periodontal do tratamento hormonal transgênero	2021
A formação acadêmica do cirurgião-dentista: ausência das temáticas de identidade de gênero e sexualidade no currículo de odontologia	2021
Estratégias Desenvolvidas no Cuidado à População Trans: uma revisão de escopo	2022
Sexo ou Gênero: Como utilizar a nomenclatura correta?	2022

Os resumos que avançaram para a fase de classificação representaram 0,02% do total de trabalhos publicados no intervalo investigado. Tratando-se do ano de publicação, o primeiro foi publicado em 2016, havendo um intervalo de quatro anos para que o tema figurasse novamente nos anais, em 2020, com dois trabalhos e o mesmo número foi identificado nos anos de 2021 e 2022 (Figura 1).

Figura 1 - Número de trabalhos publicados nas reuniões da SPBqO sobre saúde LGBTQIA+ em um período de 12 anos (2010-2022).



A Tabela 2 exibe a distribuição dos resumos por estado brasileiro, sendo possível apurar que quatro dos sete trabalhos vêm de estados diferentes - Paraíba, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo - e os outros três são procedentes do estado de Minas Gerais.

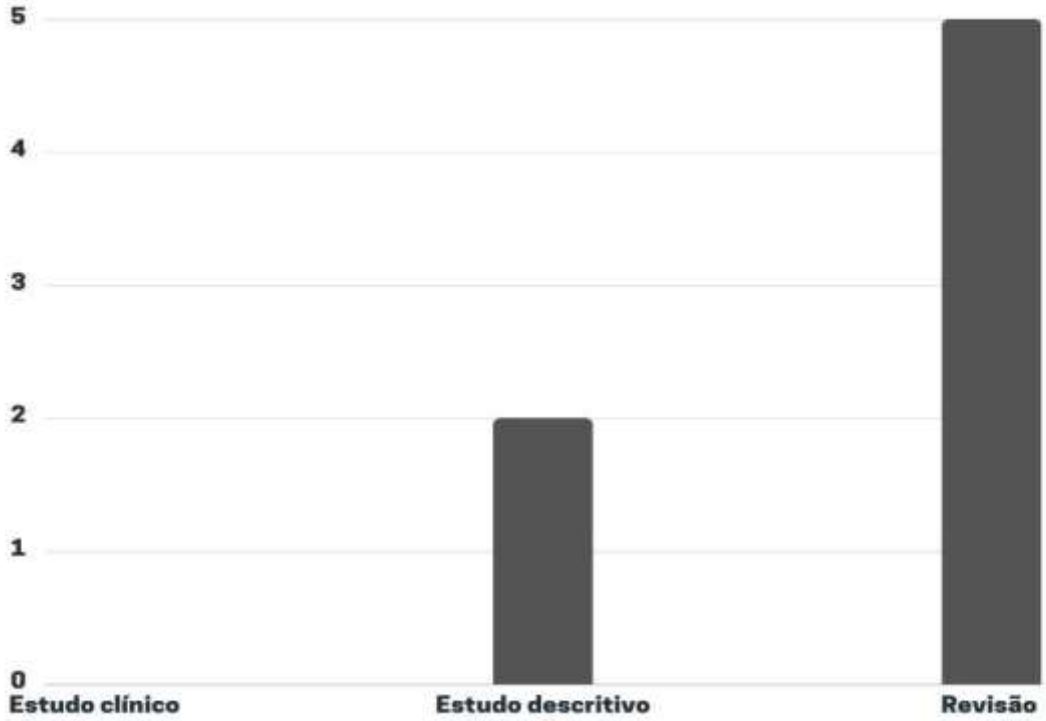
Tabela 2 - Distribuição dos trabalhos de acordo com os estados brasileiros.

Estado	n	%
Paraíba	1	14,29%
Rio Grande do Sul	1	14,29%
São Paulo	1	14,29%
Rio de Janeiro	1	14,29%
Minas Gerais	3	42,84%

No que corresponde ao delineamento metodológico dos trabalhos, no tocante à posição do pesquisador, todos os resumos se tratavam de estudos observacionais (100%). Em relação à metodologia dos resumos, agora em relação à referência temporal, todos os trabalhos se tratavam de estudos transversais.

Por último, ao se levar em consideração a natureza da pesquisa, dois grupos foram observados: revisões (71,43%) e estudos descritivos (28,57%). Não foi identificado nenhum estudo clínico (Figura 2).

Figura 2 - Frequência dos tipos de estudo quanto à natureza da pesquisa num período de doze anos (2010-2022).



DISCUSSÃO

O resultado da análise dos últimos 12 anos de Anais de uma Associação que é referência nacional em pesquisa odontológica foi de apenas sete resumos que abordaram a temática LGBTQIA+. Esse achado além de sugerir pouca importância científica dada ao referido tema, também evidencia a falta de atenção em saúde da qual essa população tem sido vítima ao longo dos anos.

Os onze termos usados na busca foram todos extraídos dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e selecionados com a finalidade de identificar trabalhos que versassem objetivamente sobre a temática, enquanto o fragmento “sexu” mirou no ampliamento da busca, para que nenhum resumo que possivelmente fosse de interesse dessa pesquisa fugisse à análise.

Os estudos excluídos abordavam desde gênero e sexualidade até violência sexual. No entanto, todos o fizeram sob uma perspectiva cisheteronormativa, essa onde a existência de pessoas transgêneras e de outras formas de relações afetivo-sexuais são invalidadas.[12] Por

exemplo, foi observado que quase a totalidade das pesquisas não utilizavam nas amostras pessoas trans ou ao se referirem ao gênero dos participantes não mencionaram se estes eram trans ou cisgêneros. O mesmo aconteceu quando a sexualidade dos participantes era relevante ao trabalho e não havia distinção entre a orientação sexual dos mesmos.

Esse apagamento de vivências que fogem à cisheteronorma pode acontecer, muitas vezes, de forma despercebida e naturalizada. Segundo Rosa, a heterossexualidade é tida como possibilidade única e instintiva e mesmo as instituições que reforçam a heteronormatividade como regra, não a mencionam, por já a reconhecerem implicitamente e o mesmo pode ser dito sobre a cisgeneridade (ROSA, 2020).

O fato de que outros três trabalhos mencionam a sexualidade dos indivíduos como parte do perfil de infectados por doenças sexualmente transmissíveis mostra uma tendência à estereotipação do tema, o que corrobora com o estudo de Almeida *et al.* (2022), que diz que há um viés estigmatizador na produção científica da área da saúde direcionado à população LGBTQIA+ (ALMEIDA *et al.*, 2022).

Outra questão relevante é a periodicidade com que o tema foi levantado, observando-se um vão de resumos sobre a temática nos primeiros 5 anos do evento no período analisado, tendo o primeiro trabalho figurado os Anais apenas em 2016, seguido por uma lacuna até o ano de 2020, onde apenas outros dois trabalhos foram publicados, sendo sucedidos por dois trabalhos em cada um dos anos sucessores - 2021 e 2022. Tais achados demonstram haver uma consistência tímida e uma ausência de crescimento da área ao longo dos anos, o que pode ser consequência da falta de políticas públicas assistenciais a pessoas LGBTQIA+ que, dentre outros benefícios inestimáveis, estimulam também a produção científica. Por ser a divisão brasileira da International Association for Dental Research (IADR) e atualmente a maior divisão na América Latina e uma das maiores do mundo, a SBPqO e suas reuniões anuais carregam grande relevância no panorama nacional da pesquisa científica odontológica, não só como guia, mas também como sinalizadora das temáticas em evidência (SOARES *et al*., 2021).

O ano da busca que registrou o primeiro resumo (2016) coincide com o ano em que aconteceram as últimas campanhas do Governo Federal Brasileiro com foco na valorização do direito à saúde de minorias sexuais, de gênero e afins; a chamada “Cuidar bem da saúde de cada um. Faz bem para todos. Faz bem para o Brasil”, em uma parceria entre o Ministério da Saúde

com o antigo Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, Juventude e dos Direitos Humanos (MMIRDH) (BRASIL, 2016). A campanha contou com 5 etapas, cada uma contemplando um grupo: mulheres lésbicas e bissexuais, homens gays e bissexuais, população trans, população de rua e população negra (SES-GO, 2016). Foi possível observar que, com o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff e subsequentes governos de centro-direita, a população LGBTQIA+ teve campanhas de saúde e políticas públicas com foco em suas necessidades específicas esvaziadas, ao mesmo tempo que foi excluída de campanhas coletivas, como na veiculada durante o Carnaval de 2019, "Pare, pense e use a camisinha", onde homossexuais e pessoas trans tiveram suas demandas apagadas (ABIA, 2019), tendo em vista o conservadorismo que constitui os partidos brasileiros "de direita" (FERREIRA, 2016).

O primeiro resumo encontrado, o estudo de Xavier *et al*. (2016), analisou a presença de lesões na região de cabeça e face em homens gays vítimas de homicídio na cidade de João Pessoa - PB em um período de quatro anos (2009-2013) e como resultado se obteve que 43,1% das 62 vítimas localizadas apresentavam lesões em região de cabeça/face e que 85,7 possuíam múltiplos ferimentos, concluindo-se que a violência homofóbica acometeu mais homens gays, com grande prevalência de injúrias na região de cabeça/face. Segundo dados do Grupo Gay da Bahia (GRUPO GAY DA BAHIA, 2013), o Nordeste foi a região mais homofóbica do Brasil durante o período supramencionado - com pelo menos 100 assassinatos anuais -, tendo voltado a figurar o topo em 2019 e 2020 (GASTALDI *et al*., 2021).

Já no segundo trabalho, o de Bernardo *et al*. (2020), foram entrevistados dois grupos focais (população LGBTQIA+ usuária do SUS e estudantes de odontologia LGBTQIA+) visando conhecer demandas deste público nos serviços de saúde bucal do Rio Grande do Sul. O primeiro grupo relatou preconceito como fator impedidor do acesso aos serviços de saúde, bem como desrespeito por seus nomes sociais, já o segundo grupo evidenciou a invisibilidade da temática LGBTQIA+ no ensino odontológico, o que é confirmado por Schenal que evidencia a ausência de conteúdos LGBT no currículo odontológico, expondo que, nos casos em que esse está presente, há o atrelamento a temas referentes a doenças sexualmente transmissíveis (SCHENAL, 2018).

No terceiro resumo, de Barnabe *et al.* (2020), foi realizado um scoping review para buscar falhas metodológicas presentes em cirurgias de feminização facial em pacientes com

disforia de gênero e como resultado foi evidenciado que as técnicas utilizadas nessas cirurgias não estão bem delimitadas e que o terço superior da face é uma região onde há presença de complicações. O processo de feminização facial, embora faça parte do processo transexualizador gratuito instituído no SUS, tem listas de espera grandes e por isso é mais procurado na rede privada de saúde (KUHNEN *et al*., 2020).

O trabalho de Ferreira *et al*. (2021) buscou discorrer sobre os possíveis efeitos da hormonização de pessoas trans em suas saúdes periodontais em prol de identificar as lacunas existentes em pesquisas voltadas a essa população e também de orientar periodontistas para os cuidados específicos. Através de uma revisão de literatura, concluíram que os hormônios sexuais interferem na ação das células que constituem os tecidos de suporte e proteção do periodonto, bem como ditam a resposta do periodonto frente a agressões, visto que também afetam as células do sistema imune. Essa associação entre hormônios sexuais e saúde periodontal já é conhecida na literatura, mas os estudos abordam o tema a partir das experiências cisgêneras de puberdade, gestação, menopausa, etc (BOSCO *et al*., 2004).

Moreira *et al*. (2021) investigaram a existência de publicações sobre a temática LGBTQIA+ no contexto da graduação odontológica em diferentes bases de dados científicas e apenas 11 foram encontradas. Após leitura completa dos trabalhos, foi constatado que discentes e professores não têm conhecimento adequado sobre o suporte que as instituições oferecem a população LGBTQIA+ e também a falta da temática no currículo dos cursos de Odontologia. As diretrizes curriculares nacionais de Odontologia foram atualizadas no ano de 2021 e, pela primeira vez, traz em seu texto a necessidade de cursos de graduação ofertarem conhecimento acerca de diversidade sexual e de gênero aos futuros cirurgiões dentistas (BRASIL, 2021)

No trabalho de Souza et. al (2022), onde foram mapeadas as abordagens desenvolvidas para o cuidado ao público trans existentes na literatura, conclui-se que as estratégias existentes se dividem em duas categorias: a) educacionais/formativas, onde o profissional seria conscientizado sobre as necessidades específicas e desigualdades sociais enfrentados por essa população e b) institucionais/organizacionais. Santana *et al* (2020) confirmam a necessidade de uma formação mais inclusiva dos profissionais de saúde quando listam, entre diversos motivos, o desconhecimento dos mesmos acerca de temas relevantes como um dos obstáculos entre a população trans e um atendimento de saúde integral (SANTANA *et al*., 2020).

Por fim, o trabalho de Conde *et al*. (2022) traz uma revisão literária que objetiva aconselhar o melhor uso dos termos "sexo" e "gênero" em pesquisas científicas. Através do critério PICO, observaram que "sexo" geralmente faz alusão a macho ou fêmea, sendo utilizado quando aspectos anatômicos são foco da avaliação, ao passo que "gênero" diz respeito à forma que o paciente da pesquisa gostaria de se identificar no estudo ou quando os comportamentos pessoais forem relevantes.

Um outro trabalho intitulado "Experiência de discriminação e autopercepção de saúde bucal entre adultos", cujo título sugere pertinência com o objetivo dessa pesquisa, foi identificado nos anais da 39ª reunião anual da SBPqO (2022), mas o mesmo não superou os critérios de inclusão, visto que discriminações de várias naturezas foram consideradas na metodologia e os resultados obtidos foram atribuídos de forma geral.

Em uma análise final dos conteúdos dos resumos, é possível apontar uma heterogeneidade dos mesmos, onde todos abordam áreas específicas e não havendo outros estudos semelhantes que corroborem as linhas de pesquisa dentro de seus contextos.

A presente pesquisa, por se tratar estritamente da análise dos Anais de apenas uma associação científica, entende que os resultados obtidos podem não representar de forma completa o panorama dos estudos da população LGBTQIA+ no âmbito odontológico brasileiro e que mais estudos englobando outras associações, eventos, periódicos e bases de dados científicos devam ser realizados. No entanto, com milhares de participantes e representantes de todos os estados brasileiros, incluindo alunos de graduação, pós-graduação, professores e pesquisadores, as reuniões da SBPqO se consolidaram como o evento de pesquisa mais importante do país, na área da Odontologia.

Destaca-se, enfim, a imprescindibilidade da implementação de políticas públicas com foco na saúde de minorias sexuais e de gênero, assim como políticas assistenciais que envolvam as necessidades da população LGBTQIA+ quanto a moradia, emprego e educação. A pesquisa odontológica, por sua vez, precisa identificar seu papel fundamental de contribuição no bem-estar e qualidade de vida dessa população através do desenvolvimento de novos estudos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A heterogeneidade dos temas e periodicidade inconstante indicam uma fragilidade no perfil das pesquisas sobre saúde LGBTQIA+ na Odontologia brasileira decorrente provavelmente da falta de políticas públicas que estimulem, além da produção científica, a naturalização da temática nos ambientes acadêmicos.

O pequeno número de trabalhos abordando o tema em doze anos (2010 - 2022) também reforça a carência e a necessidade de pesquisas que possam futuramente servir para melhorar a qualidade de vida dessa população.

REFERÊNCIAS

ABADE, E. A. F.; CHAVES, S. C. L.; SILVA, G. C. O. Saúde da população LGBT: uma análise dos agentes, dos objetos de interesse e das disputas de um espaço de produção científica emergente. Physis: Revista de Saúde Coletiva [online]. 2020, v. 30, n. 04, e300418, 2020.

ALMEIDA, L. E.; OLIVEIRA, J. M.; OLIVEIRA, V.; MIALHE, F. L. Produção científica em saúde da população LGBTQIA+: uma análise crítica do conteúdo da literatura. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 31, n. 4, 2022.

Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA). ABIA reconhece pontos positivos na Campanha do Carnaval 2019, mas mantém crítica à ausência dos gays, 2019. Disponível em: <https://abiaids.org.br/abia-reconhece-pontos-positivos-na-campanha-do-carnaval-2019-mas-mantem-critica-a-ausencia-dos-gays/32501> Acesso em: 13 nov, 2021.

BENEVIDES, B. G. Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2021. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE. 2022.

BEZERRA, M. V. R.; MORENO, C. A.; PRADO, N. M. B. L.; SANTOS, A. M. Política de saúde LGBT e sua invisibilidade nas publicações em saúde coletiva. Saúde em Debate, [S.L.], v. 43, n. 8, p. 305-323, 2019.

BOSCO, A. F.; LUIZE, D. S.; MURAKAWA, A. C.; ESPER, L. A. A influência dos hormônios sexuais nos tecidos periodontais: revisão de literatura. Revista Odontológica de Araçatuba, v.25, n.2, p. 22-27, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Odontologia. Resolução 3 de 21 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-n-3-de-21-de-junho-de-2021-327321299> Acesso em: 28 nov, 2021.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Campanha: "Cuidar bem da saúde de cada um. Faz bem para todos. Faz bem para o Brasil", 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/noticias_seppir/noticias/2016/01-janeiro/ministerio-lanca-campanha-voltada-a-saude-da-populacao-trans> Acesso em 28 nov, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. Brasil Sem Homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília, 2004. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf> Acesso em: 28 nov, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Brasília: Ministério da Saúde; 36 p. 2013. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf> Acesso em 29 nov, 2021.

FERREIRA, B. O.; TAJRA, F. S.; ARAÚJO, Z. A. M.; FREITAS, F. R. N. de N.; PEDROSA, J. I. dos S. Caminhos e vivências de investigação acerca da saúde da população LGBT em uma

capital do nordeste brasileiro. Tempus Actas de Saúde Coletiva, [S.L.], v. 11, n. 1, p. 41, 13 nov. 2017.

FERREIRA, G. G. Conservadorismo, fortalecimento da extrema-direita e a agenda da diversidade sexual e de gênero no Brasil contemporâneo. Lutas sociais, 20(36), 166-178, 2016. 13. GASTALDI, A. B. F. et al. Observatório de mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2020: Relatório do Grupo Gay da Bahia. 1. ed. Florianópolis: Editora Acontece Arte e Política LGBTI+, 79 p, 2021.

GOMES, D. et al. A produção científica da Odontologia e a Agenda Nacional de Prioridades de Pesquisa em Saúde. Rev. ABENO [online], vol.17, n.2, pp. 11-21, 2017.

Grupo Gay da Bahia. Assassinato de homossexuais (LGBT) no Brasil: relatório 2013. Salvador: GGB, 2013. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2020/03/relatorio-2013.pdf> Acesso em: 18 mai, 2021.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Um panorama da pesquisa em saúde no Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/cts/en/topics/179-um-panorama-da-pesquisa-em-saude-no-brasil > Acesso em: 13 nov, 2021.

KUHNEN, B.; BARROS, F.; FERNANDES, C. M. S.; SERRA, M. C. Cirurgia de feminização facial em transexuais: reflexões éticas e forenses. Revista Bioética, [S.L.], v. 28, n. 3, p. 432-439, set. 2020.

LUCIO, P. S. C.; BEZERRA, K. F. O.; NONAKA, C. F. W.; GODOY, G. P. Câncer oral: caracterização da produção científica em odontologia do Brasil nos últimos cinco anos. RFO UPF [online], vol.17, n.3, pp. 280-284, 2012.

ROSA, E. B. P. R. Cisheteronormatividade como instituição total. Cadernos PET-Filosofia, v. 18, n. 2, 2020.

SANTANA, A. D. S.; LIMA, M. S.; MOURA, J. W. S.; VANDERLEY, I. C. S.; ARAÚJO, E. C. Dificuldades no acesso aos serviços de saúde por lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. Revista de Enfermagem UFPE on line, [S.I.], v. 14, 2020.

SCHENAL, T. A. A temática lgbt na formação em odontologia: uma revisão de literatura. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Odontologia, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

Secretaria de Estado de Saúde de Goiás. MS lança campanha voltada à saúde dos homens gays e bissexuais, 2016. Disponível em: <https://www.saude.go.gov.br/noticias/4165-ms-lanca-campanha-voltada-a-saude-dos-homens-gays-e-bissexuais> Acesso em: 21 jun, 2021.

SOARES, D. M.; MARTINS, A. M. S.; SANTOS, B. L. F.; MELO, J. G. A. Cenário das Pesquisas Odontológicas com Probióticos através de um Estudo Bibliométrico. Archives Of Health Investigation, 11(2), 210–214. 2021.